

MÔNICA CÂNDIDO SOUZA

**PAULO FREIRE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**Rio de Janeiro
2004/1**

MÔNICA CÂNDIDO SOUZA

**PAULO FREIRE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentado ao Curso de
Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e
Ciências Sociais da UNIRIO, como requisito
para obtenção do grau de licenciatura plena,
orientado pela professora Angela Maria de Souza Martins. //

**Rio de Janeiro
2004/1**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
ALUNA: MÔNICA CÂNDIDO SOUZA - 001351143

PAULO FREIRE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho apresentado à disciplina de
Monografia II, como requisito de avaliação,
orientado pela professora
Angela Maria de Souza Martins .

Rio de Janeiro
2004/1

MÔNICA CÂNDIDO SOUZA

**PAULO FREIRE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Avaliado por:

Data: / / .

Rio de Janeiro

2004/1

Um pequeno pensamento, grandes feitos

A estrada a trilhar é longa,
e em muitos momentos torna-se tortuosa.
Não importa de que lado se esteja
A construção é feita de incessantes trocas,
Seja de idéias, figurinhas, responsabilidades, sonhos...

Pois, os papéis, a todo instante, se misturam
Não deve haver passivos, mas participantes
Não moldemos objetos, mas integrantes.
Mentes, bocas, corações,
Pensamentos, palavras, ações.

De acordo com o contexto,
Cada qual com seu papel:
Aluno e professor,
Alfabetizando e mestre,
Educando e educador.

Mas, não nos prendamos em títulos
E sim, nos resultados colhidos
De uma árida terra trabalhada
Por eternos Jequitibás,
Na sua doce Arte de ensinar.

- Mônica Cândido -

Agradecimentos

À Deus, pela vida
Aos meus pais, pela fé e ensinamentos
Aos meus irmãos, pela amizade
Aos meus sobrinhos, que não me deixaram
esquecer a inocência inerente às crianças
tão necessária quando falamos em educação,
Aos amigos, pelas brigas e risos,
Aos professores, por dividirem o saber,
E a mim, por não desistir.



Epígrafe

Você não sabe o quanto caminhei
Pra chegar até aqui...

Cidade Negra

Resumo

Este trabalho disserta sobre a alfabetização de jovens e adultos, à luz de Paulo Freire. De acordo com esse autor, a educação não se resume ao simples ato de ler e escrever, ela fundamenta-se na discussão dialógica, numa relação horizontal que permite a constante comunicação, o diálogo, o amor, a humildade, a esperança, a confiança e a criticidade. O professor deve ter como meta a instauração desse diálogo que educa, possibilitando a seu educando a autonomia e a construção da sua identidade. Para que se entenda alguns dos motivos que ainda nos prendem a uma realidade de conduta tão rígida e autoritária, este trabalho inicia-se com o povoamento de nossa sociedade como colônia, constituída de uma civilização acostumada a receber ordens, e mesmo com o passar dos tempos a autonomia ainda era de exclusividade de homens como: os senhores de terras, os oligarcas, os políticos e as elites. Refletimos também sobre como surgiram as primeiras idéias na tentativa de possibilitar uma educação qualitativa voltada para as massas, citando alguns dos profissionais que defendiam essa idéia; assim como deve ser o professor junto a seu educando, e finalizando com as idéias transformadoras de Paulo Freire, que me acompanharam para a dissertação desse tema.

SUMÁRIO

Introdução.....	p. 10
1. Os caminhos tortuosos de sociedade fechada.....	p. 14
1.1. Um breve histórico na trajetória da educação popular – jovens e adultos no Brasil.....	p. 19
2. A contribuição pedagógica de Paulo Freire.....	p. 33
3. O papel do professor – educador	p. 48
4. Conclusão.....	p. 51
Referências Bibliográficas.....	p. 54

Introdução

Enfim, dou-me conta ^{de} que cheguei ao final! É apenas o início de um longo caminho. Assim que cheguei à faculdade, minha primeira preocupação foi: eu tenho que fazer monografia! Senão, não consigo sair daqui! E este momento, chegou!

Tantos questionamentos sobre como e o que escrever, e se o tema escolhido seria importante para a área; se eu conseguiria dar conta.

O meu temor torna-se realidade. Mas, afinal de contas, foram pouco mais de quatro anos na aquisição de conhecimentos e troca de idéias necessárias que me possibilitam ir adiante em meu intuito.

Alguns amigos de turma me questionaram quanto ao tema. E inicialmente, fiquei um pouco insegura: “um tema tão explorado!”, foi o que ouvi. Mas, ergui a cabeça e defendi meu tema, a alfabetização de jovens e adultos. Um tema tão explorado, tão trabalhado e infelizmente, até o momento sem solução.

Quantos estudiosos trabalharam essa questão? Quantos governos tiveram consciência da existência do problema e ainda continua existindo um índice alarmante de brasileiros analfabetos? Quantos professores em sala de aula se dedicam com profissionalismo e afetividade para diminuir o alto índice de analfabetos? Quantos projetos governamentais para construção de escolas foram efetivados, quando a falta de escolas era o motivo do problema? Quantos concursos e professores serão necessários para atender a real demanda dessa vergonha social?

No início da minha vida escolar, pude ^{me} identificar dentro do seio familiar – avós, tios – com esse problema, mas ainda não me dava conta de sua extensão. O quanto a falta de entendimento do ler e escrever torna a pessoa dependente de um mundo onde a autonomia de algumas decisões – assinar um documento, ler a bula de uma receita médica, escrever alguma recomendação feita por terceiros – é imprescindível.

Lembro-me de um caso ocorrido em minha casa. Um tio materno, deitado no sofá, com o jornal de Domingo nas mãos e folheando, as páginas de maneira concentrada, as reportagens descritas naquelas folhas! E ele não sabe ler! Eu apenas observei, não o indaguei sobre o que ele fazia, mas me questionava sobre o que se passava no seu íntimo diante daquelas centenas de letras à sua frente. E o que elas poderiam significar naquele momento de sonho para ele. Será que existia uma vontade real de entendimento para decifrar o que estava diante de si? E o que eu poderia fazer para concretizar aquele sonho? Seria eu capaz de realizar sonhos? Acredito que os sonhos podem ser importantes instrumentos para impulsionar a luta na concretização de direitos.

Quantas pessoas já não foram abordadas na rua, por uma outra pessoa que com pedaço de papel na mão, procurava um endereço, até mesmo na busca de emprego, mas ele não verbaliza: - Sabe me informar o nome da rua tal? E sim: - Sabe me informar onde fica esta rua? Mostrando o papel porque não consegue dar conta do que consta naquelas linhas.

Esses são indivíduos estigmatizados pela sociedade, muitas vezes não percebem que são oprimidos, ou seja, há pessoas que têm a capacidade de pensar e de criar, mas sem o entendimento que é possível mudar essa situação

que não foi engendrada por eles. E essa lamentável situação se reverte em conformismo, muitas vezes, com explicações religiosas, pois esse indivíduo não conseguiu alcançar o desejado patamar profissional, foi porque assim Deus quis, por falta de sorte na vida ou destino traçado, entre tantas outras “desculpas” que ^{ele} fizeram acreditar no destino e não na causa real de sua situação de oprimido.

Para uma sociedade onde o poder financeiro e cultural está nas mãos de uma pequena porcentagem da população, é interessante e propícia a existência de uma classe que seja possível e fácil de oprimir. Por isso, acredito que o acesso a uma educação de qualidade é imprescindível na luta contra a opressão.

Constatamos a quantidade de crianças que evadem da sala de aula, nos primeiros anos do ensino fundamental e que no futuro contribuirão para o alto índice de futuros jovens e adultos analfabetos. A nossa sociedade, na verdade, cultiva um discurso demagógico sobre a erradicação do analfabetismo.

Se houvesse comprometimento político de fato, seria possível reverter a realidade de muitas crianças que estão no final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental e, no entanto, não sabem ler e escrever. Esses alunos saem da escola como analfabetos funcionais. Então, se não conseguiram aprender enquanto crianças, que vontade e motivação para aprender terão enquanto adultos! Porque os adultos que nunca estiveram em uma sala de aula, ainda têm consigo um sonho que desejam realizar. É estranho afirmar que um direito do cidadão é visto como sonho! Sonho de aprender e ter acesso à escola.

Essa situação tem me mobilizado nos últimos tempos, por isso decidi realizar uma reflexão sobre a educação de jovens e adultos com intuito de

encontrar caminhos que possam apontar práticas educativas, que possam efetivar a educação de jovens e adultos.

Pretendo realizar uma discussão que contemple a questão da massa oprimida, presa em armadilhas ideológicas de uma sociedade egoísta, politicamente fechada e preconceituosa. Escolhi como referencial teórico Paulo Freire.

Metabolismo?

1. Os caminhos tortuosos de uma sociedade fechada

A sociedade brasileira é fruto de um processo histórico e civilizatório que depende dos homens que iniciaram a construção de sua civilização, tanto na questão financeira, como na intelectual e cultural.

A colonização do Brasil se realizou segundo um modelo escravocrata, rígido, e antidemocrático, o que ajuda a entender a grande dificuldade que nossa sociedade possui em acolher, interiorizar e respeitar o direito à democracia.

Segundo Freire, em nossa formação histórica, há uma inexperiência democrática, por isso existe a ausência de um comportamento participante.

"O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De cabeça baixa, com receio da Coroa. Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas. "Doente". Sem fala autêntica... Como doente não pode falar(...) o pior acidente que teve o Brasil em sua enfermidade foi o tolher-se-lhe a fala: muitas vezes se quis queixar justamente, muitas vezes quis pedir os remédios de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta, ou o respeito, ou a violência: e se alguma vez chegou algum gemido aos ouvidos de quem devera remediar, chegaram também as vozes do poder e venceram as clamores da razão". (Porto, 1959, p. 74-75)

Platão?

Nossa trajetória é marcada por uma colonização predatória, economicamente exploradora, tanto de terras quanto de gente: citamos como exemplo: a escravização de índios e negros.

No Brasil foi iniciado um processo civilizatório com senhores de terras, que tinham o poder de fala e de uma mentalidade impermeável e inflexível, cuja intenção era exploração comercial da terra. Por conta disso, essa atitude se perpetuou ao longo das mudanças políticas que ocorreram no Brasil. A

exploração econômica, característica dessa colonização, não possibilitou a democratização.

"Foi então uma sociedade quase sem outras formas ou expressões de status de homem ou família senão extremas: senhor e escravo". (Freyre apud Freire, [2000], p. 80).

A nossa formação se caracterizou por um poder exacerbado, associado a submissão, ao ajustamento e a acomodação; não houve a integração que exige razão e consciência como comportamentos necessários de regimes flexíveis e democráticos. No Brasil, o homem foi esmagado pelo poder dos senhores de terra, dos vice-reis e do capitão-mor. Sempre pressionados, sem oportunidade de crescer e falar, por isso fica difícil a experiência democrática.

As mudanças começaram a surgir com a vinda da família real, em 1808. A partir de então, surgiram as escolas, a imprensa, a biblioteca e o ensino técnico. Mas essas mudanças beneficiaram apenas os homens livres. Vivíamos uma dicotomia, províncias com uma massa de analfabetos que serviam de palco para discursos de doutores formados na Europa.

Zevedei Barbu (1956) nos lembra que antes de ser forma política, a democracia é forma de vida, que exige a transitividade da consciência do homem, por isso ela não nasce e se desenvolve sem que esteja inserida em certas condições, onde o homem tenha a possibilidade de se lançar ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns, pois o homem deve ser participante.

Diante dessa situação histórica de tantos desmandos e opressão, Paulo Freire contribuiu para pensar o processo de alfabetização e conscientização das massas populares. Em seu livro Educação como prática da liberdade, diz que uma das tragédias do homem moderno é que este se encontra dominado pela força

dos mitos e comandado pela publicidade organizada, seja ideológica ou não, por isso, muitas vezes, renuncia à sua capacidade de decidir. Por isso, considera a educação um processo que pode levar o homem a romper a acomodação e a domesticação. Por isso, diz que as contradições se fazem necessárias, pois provocam o surgimento de atitudes optativas, e a partir daí, comprova que existe no homem a capacidade crítica do desafio. Partindo das contradições, a tendência natural é o surgimento da radicalização, que é positiva, crítica, amorosa, humilde e comunicativa. Afirma que na sua opção, o homem radical não nega o direito ao outro de optar; não impõe a sua opção, pois está sempre disposto a dialogar sobre e respeitando no outro o direito de também julgar-se certo. Tendo ainda, o dever por questão do sentimento de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendam impôr silêncio.

“Toda relação de dominação, de exploração, de opressão já é, em si, violenta. Não importa que se faça através de meios drásticos ou não. É, a um tempo, desamor e óbice ao amor. Óbice ao amor na medida em que dominador e dominado, desumanizando-se o primeiro por excesso, o segundo, por falta de poder, se fazem coisas. E coisas não se amam. De modo geral, porém, quando o oprimido legitimamente se levanta contra o opressor, em quem identifica a opressão, é a ele que se chama de violento, de bárbaro, de desumano, de frio. É que, entre os incontáveis direitos que se admite a si a consciência dominadora tem mais estes: o de definir a violência. O de caracterizá-la. O de localizá-la. E se este direito lhe assiste, com exclusividade, não será nela mesma que irá encontrar a violência. Não será a si própria que chamará de violenta. Na verdade, a violência do oprimido, ademais de ser mera resposta em que revela o intento de recuperar sua humanidade, é, no fundo, ainda, a lição que recebeu do opressor. Com ele, desde cedo, como salienta Fanon, é que o oprimido aprende a torturar. Com uma sutil diferença neste aprendizado – o opressor aprende a torturar, torturando o oprimido. O oprimido, sendo torturado pelo opressor”. (Freire, [2000], p.58).

É inerente ao homem, ser reflexivo, crítico, e não reflexo. O homem nasceu para estar dentro do mundo, e possui em seu íntimo a possibilidade do debate de idéias. Existir é mais do que viver, pois ultrapassa o estar no mundo. Capacidade e possibilidade de uma ligação comunicativa do existente com o mundo objeto.

O Homem deve negar o ajustamento ao mandado de autoridades anônimas que o faz adotar um **eu** que não lhe pertence. Mesmo que essas autoridades se disfarcem em iniciativas otimistas, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência. Então, a importância e também, a necessidade de uma permanente crítica, modo único pelo qual o homem realizará sua vocação natural de **integrar-se**, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de sua época.

E à medida em que se prepara para esta capacitação, é que poderá || interferir, ao invés de ser simples espectador, acomodado às prescrições alheias a que, dolorosamente, ainda julga como sendo suas opções. É preciso que o homem esteja envolvido para que assim possa perceber as mudanças do tempo e a significação dramática desta passagem.

Por despreparo na sua capacitação crítica, o homem brasileiro, assim como suas elites, acabaram por descambar para a sectarização, ao invés de ir ^{ao} ~~de~~ || encontro às soluções radicais. A sectarização deve ser completamente desconsiderada, pois é acrítica, arrogante, anticomunicativa, antidialogal, reacionária. Nada cria, pois não ama, não respeita a opção dos outros, pretende sempre impor a sua opção.

Paulo Freire³ defende que as soluções devem ser dadas com o povo e não || apenas para o povo ou sobre ele; caso contrário, acabamos por não nos ver livres || do assistencialismo que induz o homem ao papel de objeto passivo, não participante de seu processo de recuperação. O assistencialismo rouba do homem a responsabilidade, ~~que~~ faz com que ele tenha que tomar decisões em problemas³ || que afetam não somente aos seus interesses, mas também aos interesses

alheios, e que o faz comprometido; sendo esta responsabilidade um dado existencial.

A mudança é essencial para a conquista da democracia.

Em pleno século XXI, percebemos as mudanças nos campos: industrial, política, intelectual, educacional e cultural. A questão é: a quem interessou e beneficiou todas estas mudanças?

Quem tem acesso ao acervo de nossas bibliotecas? Ou sabem da existência dessas instituições?

Quais os freqüentadores das feiras e bienais de livros? Ou ^{quem} tem condições financeiras de adquiri-los?

Qual grupo social se encontra nas salas ou circuitos de cinema, não para assistirem a filmes hollywoodianos, com objetivos lucrativos; mas aos filmes que fazem surgir reflexões sobre muitas questões transformadoras na sociedade?

A violência física ou simbólica, a falsa democracia, a falta de dignidade e de opção, tem alvo certo: a massa populacional.

Por isso, a verdadeira educação é capaz de oferecer condições necessárias para a cidadania plena, capacitando o cidadão a ser ator participante e não apenas espectador.

1.1. Um breve histórico na trajetória da educação popular - jovens e adultos no Brasil

Quando há luta pela hegemonia entre os grupos dominantes, verificamos que surgem movimentos em favor da difusão/expansão da instrução popular, mas não a ponto de modificar os ideais ideológicos deste sistema.

Por isso, a educação é vista com instrumento ideológico para aqueles que detêm o poder, assim como para aqueles que desejam entrar na disputa por ele. Aqueles que detêm o poder político, encarregam-se por determinar a política educacional a ser seguida, os programas a serem estimulados, seguidos, e é claro, o conteúdo ideológico que desejam ser aprendidos. Já para os que tentam disputar tal posição, a educação é vista como instrumento de condução para as contradições do sistema, as crises, ou seja, como ferramenta que pode ser controlada por aqueles que se opõem às elites. Atitudes políticas essas que são encontradas em sociedades onde a instrução popular não foi generalizada, e o sistema educacional não foi absorvido para atendimento da real demanda populacional.

A educação popular apenas começou a ser valorizada com o surgimento da revolução industrial, na Europa, quando passou-se a exigir o conhecimento da técnica de ler e escrever.

No Brasil, de acordo com Vanilda P. Paiva, a educação popular colonial é praticamente inexistente, com exceção da educação dos jesuitas e outros religiosos, pois a educação popular era utilizada como instrumento de

cristianização e sedimentação do domínio português. Com a vinda da família real para o Brasil (1808), foram criadas escolas superiores, com a preocupação do desenvolvimento de ensino voltado para as elites.

A partir de 1870, surge a preocupação com a instrução elementar. Nesta mesma época, começa o surto de progresso na economia brasileira; assim, como começam a proliferar as idéias liberais com os primeiros discursos em favor da educação do povo.

A reforma de 1878, de Leôncio de Carvalho, considera obrigatório o ensino entre 7 e 14 anos, com proibição aos escravos, o que marca as formas de preconceitos e exclusão.

Em 1882, Rui Barbosa redige o parecer-projeto; no mesmo ano, Almeida Oliveira apresenta a importância do ensino profissional, da qualificação de professores e da multiplicação das classes de adultos; e em 1886, o Barão de Mamoré enfatiza sobre a obrigatoriedade do ensino, e da criação de escolas para adultos e do ensino profissional, da abertura de mais bibliotecas populares e museus pedagógicos.

Mas o parecer-pedagógico de Rui Barbosa surgiu como o primeiro diagnóstico sobre a realidade educacional brasileira voltada para o ensino elementar.

“A argumentação de seu relator toma por base a aceitação da tese de que existe uma ligação fundamental entre a educação e a riqueza de um país, propondo um programa nacional de defesa contra a ignorância popular, vista como a mãe da servilidade e da miséria. Partindo de um extenso diagnóstico, no qual expõe a situação do ensino através de estatísticas e aborda os problemas da obrigação escolar, da liberdade de ensino, da organização pedagógica, da formação de professores, das construções escolares, das despesas com o ensino público, ele formula suas proposições. Estas se referem à liberdade do ensino aliada à defesa do ensino laico, à obrigatoriedade escolar entre 5 e 15 anos (a ser cumprida

através da chamada escolar anual das crianças em idade escolar, através das paróquias, com base n recenseamento escolar que seria realizado em dezembro de cada ano em todos os quarteirões urbanos). à reorganização do ensino primário no Município Neutro com escolas de 4 tipos (jardins de infância, escolas primárias elementares, médias e superiores, cada qual com 2 anos de estudo), à fecundação de 2 escolas normais no Município Neutro (uma para cada sexo, com cursos de 4 anos), à autorização dos poderes gerais para subsidiar as províncias na criação e manutenção de escolas normais, à criação de um Conselho Superior de Instrução Nacional e a criação de um Fundo Escolar, a ser aplicado no desenvolvimento da instrução". (Paiva, 1973, p. 76).

Com o fim do tráfico de escravos, inicia-se a imigração européia.

"(...) oriundos de países onde a instrução elementar universalizada era um objetivo onde a educação escolar desempenhava um importante papel para a ascensão social, o imigrante criava um clima de maiores exigências com respeito à instrução. Mesmo em São Paulo, onde ele é assalariado e não colono, sua presença atua como pressão no sentido do desenvolvimento da instrução popular". (Paiva, 1973, p. 65).

Os imigrantes fazem movimentos para a ampliação da rede escolar, com o intuito de universalizar o ensino elementar no Brasil. Antes da Proclamação da República, o voto baseava-se nos rendimentos anuais líquidos, mas com a instauração do governo republicano, saber ler e escrever tomou-se o quesito essencial para votar ou ser eleito.

"O censo de 1890 informava a existência de 85,21% de iletrados na população total(...) A comparação sistemática da situação educacional no país com os Estados Unidos e, na América Latina, com as da Argentina e do Uruguai ajudava a estimular a luta em favor da difusão do ensino(...) Essa luta, entretanto, só se desenvolverá efetivamente no Brasil no primeiro período republicano.

Verificamos, portanto, que em termos de realizações concretas pouco se fez pelo ensino elementar nas primeiras décadas republicanas, embora em outras áreas tenha se observado um ligeiro desenvolvimento". (Paiva, 1973, p. 85)

Muitas propostas foram levantadas, mas nenhuma solução concreta foi realizada. A partir^{de} Primeira Guerra Mundial, foi intensificado o movimento em prol da educação popular. É com a guerra que se evidencia o problema educacional do país. Mas, a intensa mobilização não efetivou a promoção de resultados

quantitativos animadores, pois, de acordo com Paiva, substituídas por preocupações qualitativas e pelo movimento de renovação, os níveis de crescimento dos sistemas de ensino se mantiveram constantes durante a última década do primeiro período republicano.

No final do século XIX, reforça-se o discurso que mostra a necessidade do progresso para o Brasil e, conseqüentemente, a urgência da universalização da educação, mas entramos no século XX, ainda esbarrando em problemas políticos, que impossibilitavam a universalização da educação. A Primeira Guerra Mundial, faz com que surja, no Brasil, uma onda de nacionalismo. Com a campanha do serviço militar obrigatório, as Ligas Nacionalistas, havia o discurso de combate ao analfabetismo, que impedia o país de fazer parte do grupo das "nações culturais". Mas, ainda não havia profissionais na área educativa. //?

Diante do "entusiasmo pela educação", políticos e elementos interessados pelos problemas educacionais defendiam a educação elementar para as massas. Esse grupo tinha uma preocupação quantitativa com relação ao analfabetismo. // por isso, deixaram de lado fatores importantes como qualidade de ensino; // verificamos também o interesse puramente eleitoreiro e não havia realmente uma preocupação em universalizar o ensino elementar.

Na década de 20, com o surgimento dos primeiros profissionais da área educacional, surge o fenômeno que Jorge Nagle intitula de "otimismo pedagógico", que tem como característica a preocupação com a funcionalidade eficaz e qualitativa da educação. Mas, contra toda essa mudança social, encontram-se os detentores do poder, o grupo hegemônico das classes dominantes, que estão sempre lutando para solidificar seu poder. //

"Reconhece-se que a educação pode ser um instrumento importante para a conservação, enquanto seus opositores tentam utilizá-la como instrumento de mudança. Nessa luta, levam vantagem os detentores do poder, capazes de decidir acerca da orientação dos sistemas educativos, da difusão ou não do ensino, da criação ou não de programas educativos paralelos ao sistema comum. Entretanto, a importância atribuída à educação como instrumento de sedimentação da origem vigente não nasce de situações políticas estáveis, mas de ameaças oferecidas ao grupo dominante(...) nasce, portanto, da insegurança dos que detém o poder e é a contra partida das tentativas de utilização da educação como instrumento de recomposição do poder político". (Paiva, 1973, p. 33-37).

Em meados da década de 30, questiona-se sobre o problema da educação de adultos e o primeiro educador a publicar um trabalho dedicado ao ensino de adultos foi Paschoal Lemme.

Por questões políticas, o Estado Novo se utiliza da problemática do ensino de adultos para promover e alicerçar seu poder entre as massas.

Em 1926, Roquete Pinto, fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (1923), vê na radiodifusão um meio para solucionar o problema educativo brasileiro, quando propõe a fundação de uma rádio-escola em cada Estado. Nessa mesma década, dá-se início às discussões educacionais entre os renovadores e os conservadores ligados à Igreja e ao ensino privado.

"(...) observa-se entre os que militam no campo educacional em todo o período a mesma indiferenciação ideológica que caracterizou o movimento de 22(...) Entretanto, enquanto os intelectuais se diferenciando ideologicamente durante os anos 20, os "profissionais da educação" tentarão sustentar a crença em se descompromisso com as idéias políticas defendendo o tecnicismo em educação. Por isso mesmo, a diferenciação ideológica dos educadores só será realmente visível na primeira metade da década de 30 quando a luta política chegou a um nível em que se tornava claro que a aparente neutralidade dos "profissionais da educação" trazia implícita a aceitação das idéias políticas dos que governam. Só então é que muitos não mais puderam manter a ilusão de que a esfera educativa estava isolada das demais e se sentiram chamados a fazer suas opções ideológicas". (Paiva, 1973, p. 93-94).

Os "profissionais da educação" reuniram-se na Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada por Heitor Lira, em 1924. Na década de 20, era a

primeira sociedade de profissionais da educação com caráter nacional e sua atuação contribuiu no sentido da difusão dos ^{ideias} idéias e princípios da Escola Nova, || que reforçaram o movimento denominado "otimismo pedagógico".

"Entre os profissionais, somente no final do período é que se torna mais claro o compromisso de Anísio Teixeira com os idéias democráticas liberais e que começa a atuar Paschoal Lemme, comprometido com os ideais da revolução proletária...Durante os anos 20, passada fase do "entusiasmo pela educação" é que dominam as idéias de tecnificação pedagógica de forma quase absoluta em todo o país. graças à ação da ABE". (Paiva, 1973, p. 109).

Durante a Revolução de 30, há o retorno das preocupações quantitativas, o respeito do ensino, manifestada nos mais diversos grupos, com a retomada do "entusiasmo pela educação" de maneira simplista, pois são os mesmos personagens da década de 10, que pressionam os governos locais na tentativa de || difusão do ensino, mas sua existência não se torna tão significativa, já que são grupos compostos de elementos conservadores e com uma visão humanista da educação.

Após a revolução de 30, reclama-se a intervenção da União em favor do ensino público, obrigatório, leigo e gratuito, aumentando assim, a luta entre os renovadores da educação e os conservadores que defendiam o ensino particular e confessional.

Havia a preocupação em proporcionar a educação nas zonas rurais para evitar a atração das classes pobres rurais para as cidades. ←

"Era preciso educar as populações rurais, povoar e sanear o interior. É a época do lema "Instruir para poder sanear", pregado por sanitaristas e educadores". (Paiva, 1973, p. 127).

São fundadas associações voltadas ao favorecimento e desenvolvimento da educação rural. Surge a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, com a

participação de elementos ligados ao movimento renovador que, em 1935, realizam em Salvador o 1º Congresso Nacional de Ensino Regional.

Mas, por razões políticas, percebeu-se a necessidade de dar uma solução a curto prazo, mas como o problema da educação de adultos é complexo, infelizmente verificamos que este perdura até os dias atuais.

Durante a II Guerra Mundial, foi difundida a idéia da educação ligada aos problemas da defesa e segurança externas.

"(...) à nossa primeira tentativa de uma política nacional de educação: seu quadro de referência era o da educação cívica a ele se subordinavam muitas das medidas tomadas em matéria educativa". (Paiva, 1973, p. 137).

O desenvolvimento dos programas de massa voltados à educação de adultos é verificada a partir do final dos anos 40, com os primeiros trabalhos do CEAA (Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos), e a Campanha Nacional de Educação Rural, essas campanhas foram importantes para reflexão e reorientação da educação dos adultos analfabetos.

"Internamente, desde 1958 os interessados pelo programa sentiram-se estimulados a buscar novos métodos para a educação dos adultos e a teorizar sobre o assunto, em consequência do II Congresso Nacional de Adultos" (Paiva, 1973, p.250)

Na busca de novas formas de atuação educativa, as maiores contribuições metodológicas foram dadas pelos grupos cristãos, que tiveram uma influência decisiva sobre o MCP (Movimento de Cultura Popular) de Pernambuco, com uma metodologia voltada para a cultura popular, utilizando um novo material didático para a alfabetização, e responsáveis pela adoção e aperfeiçoamento da

metodologia utilizada pelo Movimento de Educação de Base, com a presença marcante de Paulo Freire, que formulou um novo método educativo. ||

"Pretendiam todos a "promoção do homem", sua conscientização e emergência na vida política brasileira através de uma ação pedagógica não-diretiva. Todos influíram profundamente na formação de novas gerações de trabalhadores em educação. Entretanto, em virtude de maior desdobramento das idéias que serviam de base ao método Paulo Freire e de sua difusão ampla, possibilitada pela edição de Educação como prática de liberdade..." (Paiva, 1973, p. 251).

Sistematizado em 1962, o método Paulo Freire, voltado para a educação de adultos, tem uma grande representatividade nas conquistas da teoria da comunicação, da didática contemporânea e da psicologia moderna, pois não era uma simples técnica neutra, mas todo um sistema coerente onde a teoria articulava-se à prática pedagógica. ||

Seu pensamento partia de uma visão cristã do mundo. Freire tinha como influência os pensadores cristãos franceses, e o pensamento isebiano, que ele considerava como o "resultado da identificação" com o despertar da consciência nacional.

Em sua atividade como educador através do MCP (Movimento de Cultura Popular) de Pernambuco, suas idéias se desdobravam ao mesmo tempo em que novos elementos surgiam em sua prática pedagógica, esboçando assim, seu método.

No MCP de Pernambuco, começou a utilizar duas instituições básicas em seu método: os Círculos de Cultura e os Centros de Cultura, onde eram organizados grupos de debates para o esclarecimento de situações problemáticas, com ajuda visual.

Paulo Freire, relata: *"Com seis meses de experiência, perguntávamos a nós se não seria possível encontrar um método ativo que nos desse resultados iguais na alfabetização, aos que vínhamos obtendo na análise de aspectos da realidade brasileira"*. (1963, p.12)

O diálogo parecia ser o único caminho possível para evitar os erros de uma educação alienada, pois os dois pólos se ligam, e assim possibilitam a existência da comunicação, através do amor, da esperança, da fé um no outro, se fazendo críticos na busca de algo.

O método tem como objetivo realçar o papel ativo do homem sobre a sua realidade na criação da cultura, com um conteúdo adequado para ajudar o analfabeto a superar sua compreensão mágica do mundo e desenvolver uma postura crítica diante da realidade, para que este homem perceba seu papel como sujeito e não como mero objeto, mudando suas atitudes diante do mundo. Após a compreensão da cultura como aquisição de experiência humana, por meio dos debates, é que se dava início a alfabetização, com a intenção de formar uma atitude de criação e recriação. Partindo de situações concretas para se realizar // através do diálogo.

Freire rejeitava as cartilhas e optava pela utilização de palavras geradoras no "processo de alfabetização pela conscientização", que se baseava no levantamento da cultura dos grupos, Depois, escolhiam as palavras no universo // vocabular pesquisado, ^{que} e eram selecionadas pela riqueza fonética, pelas // dificuldades fonéticas da língua e pelo engajamento da palavra dentro da realidade social, cultural ou política. As palavras serviam como ponto de partida da discussão, ^{na} seguida da decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos //

vocábulos geradores. Para a realização deste trabalho era preciso uma preparação adequada dos coordenadores e a confecção de material didático, através de slides e cartazes.

Com a divulgação dos primeiros resultados do método, surgiram então, diversos elementos interessados em sua aplicação. A equipe de Freire começou a dar orientação nas atividades desenvolvidas pela CEPLAR (Fundação Campanha de Educação Popular) da Paraíba, tendo o governo de Pernambuco o interesse de utilizar o método de maneira ampla no Estado, mas foi no Rio Grande do Norte que ocorreu a primeira experiência de maneira extensiva.

**Ao mesmo tempo em que se desenvolvia a experiência norte-riograndense, o método se espalhava pelo país e os grupos que o utilizavam trocavam-se mutuamente(...) entrara em funcionamento a experiência de Brasília: a Comissão de Cultura Popular, instituída por portaria de 28 de junho de 1963 junto ao Gabinete do Ministro da Educação para implantar o método na capital da República, iniciara o projeto piloto utilizando os quadros normais do MEC(...). (Paiva, 1973, p. 255)*

Tendo em vista a extinção das Campanhas do MEC, em março de 1963, o Ministro da Educação, Paulo de Tarso, sensibilizado com o problema da educação dos adultos, toma iniciativa para a implantação do projeto piloto do método Paulo Freire em Brasília, promovendo assim, o I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular.

Em substituição a Paulo de Tarso, Julio Sambaqui convocou uma reunião dos líderes da UNE, UME, UBES e AMES para a instauração de um movimento nacional de alfabetização.

A nova mobilização era dirigida pelo coordenador do MPA (Movimento Popular de Alfabetização) da UNE, que era favorável à utilização de cartilhas; existiam divergências entre o coordenador do MPA e Paulo Freire sobre o método,

com a argumentação baseada no custo do equipamento e nas dificuldades de aplicação no meio rural, mas a viagem de Paulo Freire ao Rio de Janeiro atentou para o fato de que o problema da metodologia não era o mais importante e que as dificuldades que viessem a surgir, deveriam ser enfrentadas na prática, mas os entendimentos com os grupos católicos, e o prestígio de Paulo Freire, determinaram a aceitação de seu método como instrumento do PNA (Plano Nacional de Alfabetização).

"(...) a luta entre estudantes e intelectuais de diversas orientações político-ideológicas dentro do movimento fora suavizada pelos acordos que resultaram na utilização do método Paulo Freire(...) O Ministro Sambaqui, apoiado pelo PNA e em suas possíveis conseqüências na ampliação dos quadros eleitorais, conseguiu superar sua condição de "ministro provisório" e já pensava em dividir o país e novas regiões, antes mesmo de terminadas as experiências iniciais em função de interesses políticos-eleitorais. Mas essas intenções mal se esboçavam quando o programa se extinguiu com a mudança de governo". (Paiva, 1973, p. 258)

O quadro político brasileiro começa a modificar^{se} a partir do ano de 1958. A oposição ao governo cresce no ano de 1959; e em 1960, a radicalização de alguns setores era ampliada por causa da campanha eleitoral. O voto do analfabeto volta como pauta, na tentativa de combater as oligarquias agrárias.

Com o Golpe de Estado^{em} de 1964, Paulo Freire foi um dos "subversivos" submetido ao exílio, sendo então obrigado a interromper de forma brusca todo seu trabalho de alfabetização, junto àqueles jovens e adultos tão oprimidos.

E em 1966, o governo retoma o tema da educação dos adultos que tem o apoio da Cruzada ABC.

"(...) em 1967 técnicos brasileiros chegaram a se reunir em Seminários na Sudene para opinar sobre as diretrizes da educação dos adultos(...) opondo-se à orientação da Cruzada ABC. Esta, entretanto, transformara-se no principal programa de educação de adultos do país, como apoio financeiro e político da União e da Aliança Para o Progresso,

sobrevivendo até 1970. A partir de então surge o Mobral como organismo executor". (Paiva, 1973, p. 164).

E mais uma vez, verificamos que a educação voltada para as massas é tida como um instrumento que atende a um grupo privado, com interesses políticos-ideológicos, sempre objetivando sedimentar seu poder.

Criado^o em 15 de novembro de 1967, a Fundação Mobral (lei n.º 5379) atribuída ao Ministério da Educação, tinha como tarefa alfabetizar de maneira funcional e tendo como prioridade a educação de adultos.

Essa fundação tinha a função de promover a educação de adultos analfabetos, cooperar com os movimentos isolados de iniciativa privada, assim como financiar e orientar cursos com duração de 9 meses, voltados para analfabetos dentro da faixa etária de 9 a 30 anos, priorizando os municípios que tivessem possibilidade de maior desenvolvimento sócio-econômico.

O plano tinha como meta alcançar a 11.400.000 de analfabetos, entre os anos de 1968 e 1971, para que até o ano de 1975 tivessem conseguido extinguir o fantasma do analfabetismo.

"A programação inicial do Mobral, como organismo de coordenação, seguia a orientação da Carta de 1958 mas observava-se a disposição de buscar assegurar a rentabilidade do investimento educativo. Seus planos derivavam do Plano Complementar, cuja última versão já era bastante sofisticada. Nos primeiros momentos, entretanto, o programa mal consegue instalar-se, absorvido pela preexistência do DNE, e realiza pouco mais que uma experiência de alfabetização e educação continuada pela TV através do próprio DNE(...) Buscava-se utilizar a terminologia mais recente adotada pela Unesco (...) O vínculo com a Unesco foi de curta duração(...) Essa mudanças refletiram-se imediatamente através da desvinculação do programa do DNE e do lançamento de uma campanha do DNE e do lançamento de uma campanha de massa, tomando-se o Mobral uma entidade executora(...)". (Paiva, 1973, p. 294).

Após se desvincular do DNE (Departamento Nacional de Educação), em setembro de 1970, o programa de Alfabetização do Mobral busca provocar o

entusiasmo popular, e tem o apoio efetivo de convênios com os Estados, municípios e entidades privadas, apoio da população local e intensa propaganda, manifestando através de documentos um discurso sobre a erradicação da chaga social que é a existência de analfabetos. O analfabetismo era visto como a causa do desemprego.

Mas, há por trás de todo esse discurso assistencialista, ideais políticos e ideológicos que não atendem à necessidade real da população em questão, havendo apenas o interesse de benefícios externos da educação, pois além da consecução dos objetivos políticos, fica clara a urgência de causar o devido impacto sobre a opinião pública, ou seja, reforçando aqui a necessidade que este grupo tinha de conseguir soluções a curto prazo e, conseqüentemente, não atingindo êxito algum.

Passada a fase inicial de impacto, o Programa desenvolve "um aprofundamento técnico" na tentativa de evitar que ocorra regressão na aprendizagem daqueles já alfabetizados e que ficaram à margem, sem que lhes fosse oferecida a continuidade do projeto. Mas, na verdade, o MOBREAL mantém o mesmo modelo das propostas anteriores.

"(...) o Mobral parece ter chances maiores que os outros programas brasileiros de lograr seus objetivos, educacionais e políticos. Sua trajetória durante os primeiros dois anos de funcionamento, entretanto, mostra que o programa segue em linhas gerais as pegadas da CEAA, sem que as lições que a longa experiência do DNE propiciou tenham sido assimiladas". (Paiva, 1973, p. 298)

Temos consciência que, por mais pedagógico seja o profissional educacional, conseguir solucionar os problemas da área sem entrar na questão

política, é impossível. Somos seres políticos, porque todas as questões relacionadas a nossa realidade social, está vinculada à política. //

O que falta dentro do campo político é dividir responsabilidades, dividir poder, permitir a execução dos direitos. E por mais difícil que seja tentar vislumbrar essas atitudes, é preciso termos esperança e não desistir, pois mesmo nas dificuldades é possível alcançar vitórias.

Mesmo que estas, ainda não tenham data estabelecida. //

Freire deve ser visto como um caminho importante para por em ação, de maneira efetiva, a questão da alfabetização de adultos, pois sua metodologia defende a consciência crítica, e esta não se satisfaz com as aparências; reconhece que a realidade é mutável; procura verificar ou testar as descobertas; e quando se depara com um fato, faz o possível para se livrar dos preconceitos; repele toda transferência de responsabilidade e de autoridade e aceita e delegação das mesmas, sendo indagadora, investigativa; ama o diálogo, pois nutre-se dele.

2. A contribuição pedagógica de Paulo Freire

Na campanha de alfabetização de Angicos, Freire tinha como objetivo a alfabetização e politização de cinco milhões de adultos, como eleitores em potencial, já que na época, o voto ao analfabeto não era permitido. Sua luta tinha como foco principal alfabetizar e dar voz aos iletrados, aos oprimidos brasileiros. Mas, não conseguiu alcançar seu intento, pois ocorreu o golpe de Estado.

Seu método tinha como base a pesquisa do universo popular do grupo a ser alfabetizado na seleção de situações que serviriam de instrumentos tanto no aprendizado da escrita e leitura, quanto na discussão da realidade, em relação o processo educativo do meio social daquele aluno.

O educador tinha como ponto de partida as palavras geradoras. ~~Tendo~~ como o exemplo mais conhecido deste trabalho a palavra "tijolo", onde o professor apresenta ao grupo a imagem de onde se destaca o objeto tijolo; depois mostra a palavra "tijolo", e logo depois, as sílabas que compõem esta palavra e que serão usadas progressivamente para a construção de outras palavras.

Seu trabalho sempre foi baseado no diálogo, professor e aluno aprendiam juntos. Sua visão quanto ao analfabetismo era o resultado de uma situação gerada não apenas pelos aspectos econômico e social, mas também uma situação política e histórica de opressão, por isso, tem como fundamento básico a Educação como prática de liberdade.

"A linguagem tem a ver com as classes sociais, sendo que a identidade e o poder de cada classe se refletem na sua linguagem". (Freire apud Lagoeiro, 2004, p. 03)

Considerando os aspectos lingüísticos da elite como difíceis de serem alcançados pelas pessoas das classes menos privilegiadas, ^o O professor libertador || tem como compromisso evitar que seus alunos sintam-se culpados pelos erros cometidos na utilização da língua. Mas, tem que ter claro que também deva tornar possível a utilização do uso correto da língua de acordo com a norma culta .

"O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção". (Freire, 1987, p. 25)

Freire reforça que o professor ao substituir em sala de aula a autoridade pelo diálogo, não extingue a disciplina. Sempre acreditando na possibilidade de ampliação de participação consistente das massas através da educação levando-a a sua crescente organização, pela consciência transitiva crítica, desafiadora e transformadora.

Oposto ao elitismo, Freire apregea uma reiação horizontal nutrida no amor, humildade, esperança, fé e confiança.

As elites ^o sempre assumem um papel assistencialista, insere ^{nu} a consciência || do oprimido neste mundo preparado pelo opressor, ^o o que prevalece são seus || valores, sua ideologia, seus interesses, e no meio, encontra-se o oprimido constantemente em sua luta.

"Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão." (Freire, apud Gadotti, 1995, p. 28)

Em constante luta contra a concepção bancária da burguesia, onde o educador é o que o sabe, e os educandos são apenas depósito de ideais alheios, sem nenhum conteúdo a oferecer.

?
 coisa / ser-
 rência!
 não não só!

"O educador é o que pensa e os educandos os pensados; o educador é o que diz a palavra e os educandos os que escutam docilmente. O educador é o que opta e preserva sua opção e os educandos os que seguem a prescrição, o educador escolhe o conteúdo programático e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela; o educador identifica a autoridade funcional, que lhe compete, com a autoridade do saber, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; e, finalmente, o educador é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos." (Freire apud Gadotti, 1995, p. 29).

Por isso, a importância de ressaltar que o diálogo é uma intimação existencial que possibilita a comunicação, permitindo ultrapassar o imediatamente vivido.

"O sujeito que se abre ao mundo e os inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inclusão em permanente movimento na História(...) o mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante.

Como educadores e educadoras progressistas não apenas podemos desconhecer a televisão, mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la(...) o poder dominante, entre muitas, leva mais uma vantagem sobre nós. É que, para enfrentar o ardil ideológico de que se acha envolvida a sua mensagem na mídia, seja nos noticiários, nos comentários aos acontecimentos ou na linha de certos programas, para não falar na propaganda comercial, nossa mente ou nossa curiosidade teria de funcionar epistemologicamente todo tempo. E isso não é fácil. Mas, se não é fácil estar permanentemente em estado de alerta é possível saber que não sendo um demônio que nos espreita para nos esmagar, o televisor diante do qual nos achamos não é tampouco instrumento que nos salva" (Freire, 1996, p. 154-158).

Em Pedagogia do Oprimido, Freire destaca as seguintes características da // teoria antidialógica: a necessidade da conquista; a divisão para a dominação; a // manipulação e a invasão cultural, Enquanto na teoria dialógica, oposta à anterior, // as características abordadas são: a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural.

A educação está sempre vinculada à luta e organização de classe do oprimido. Freire constata que este sentimento está presente também entre os próprios oprimidos e para que esta situação se desfça como fato, é necessário, || para a libertação do oprimido, ^o que este se descubra em sua situação de || oprimido, em constante elaboração de uma consciência crítica.

Baseando-se nessa linha de pensamento, verificamos na obra de Freire que ele ultrapassa os limites da pedagogia. cria uma teoria do conhecimento, ^x que || é discutida em Extensão ou comunicação, ^e onde se alicerça no filósofo espanhol Eduardo Nicol, trabalhando as quatro dimensões do conhecimento: a lógica, a histórica, a gnosiológica e a dialógica, ou seja, a devida relação que deve existir entre conhecimento e comunicação. Comunicação esta que deve ser transmitida de forma simples, por mais complexo que seja o assunto discutido pelo professor com seu aluno.

^{Freire a} ^{avulso} Amplia a análise ideológica da educação dominante, em Ação cultural para || liberdade, ^é a astúcia dos programas de alfabetização e as ideologias ^{que as} impregnam || ^{essás.} ||

Diz que a conscientização se realiza na práxis e não na teoria; sendo a ação cultural e a revolução cultural, dois dos momentos desta práxis libertadora que tem o objetivo de se opor à classe dominante e se realizar após a revolução social e prática.

No livro Educação e mudança, Freire resume suas idéias sobre a conscientização, denunciando a visão do mundo tecnista, economicista e mecanicista presentes nas reformas sociais e educacionais da época (1979).

Na obra A importância do ato de ler, Freire mostra como o processo educativo é libertador.

"Uma compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita. mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura na palavra". (Freire, 1999, p. 11).

Moacir Gadotti reforça o trabalho de Freire, quando diz que o educador não // deve se pôr em posição ingênua, sendo ele detentor do saber total; deve // conscientizar-se de que não sabe tudo, e reconhece que o analfabeto não é um homem fora da realidade, mas sim, um homem que além de ter alguma experiência de vida, também tem um saber próprio.

As idéias de Freire, mesmo sendo elaboradas para a alfabetização e pós-alfabetização de adultos, acabou por estabelecer-se em um campo de ação mais amplo da educação e da teoria do conhecimento. ←

Ampliando^{o texto} a discussão sobre a importante contribuição de Freire na área // educacional, iniciada na educação de jovens e adultos, mas que acaba por atender a outros vácuos da educação em geral.

De acordo com Ana Maria Saul, Freire diz que é inevitável para os educadores progressistas experimentarem o que chamou de tensão entre o medo e a ousadia, ou seja, medo que suas decisões não sejam bem compreendidas e aceitas pelos educandos ou pelo público em geral; e a ousadia no sentido de ^{da} que // a tomada de decisão, que implica o risco do rompimento com padrões ou pessoas. //

Tendo como tema a docência ao longo de suas obras, Freire cultivou // seguidores e também muitos críticos de seu trabalho. Críticas estas // causadas por // divergências políticas que acabam por não atender a necessidade de sanar o

problema educacional que após tantos anos, ainda atinge de maneira constrangedora um grande número de jovens e adultos.

Em suas obras, conseguimos identificar e relacionar temas que acabam por serem levantados como repetitivos, mas são temas que ao serem considerados como relevantes, necessitam ser tratados de maneira contínua para que não acabem por cair no esquecimento; atitude esta tão presente na questão política, social e educacional que envolve as classes populares.

"(...) o tratamento que eu faço dos temas é um tratamento que inclui as novas compreensões, os novos momentos, os novos objetos da realidade" (Freire, 1999. p. 22).

Mesmo após anos de luta, ainda é possível constatar críticas quanto ao modo de "ser" e "fazer", defendido por Freire; o respeito ao educando, a dialogicidade, a importância de partir do conhecimento do aluno no processo de ensino-aprendizagem, a defesa da autoridade do professor e não do autoritarismo, a politicidade da educação.

Em Pedagogia e Educação, fala sobre a importância de aceitar as críticas. //
o valor da crítica e que quando feita, essa crítica deve ser justa por parte de quem a faz, pois essa crítica deve ter fundamento.

No livro Professora sim, tia não; diz: "o professor não é angelical é gente; e gente tem raiva, tem indignação." (Freire apud Saul, 1999, p. 22), por isso o tratamento quanto a essas questões precisam ter uma forma pedagógica, ética e cortês. //

Uma prática de Paulo de Freire em sala de aula era o exercício do "saber escutar" ^{para} Pois, um clima democrático e cordial em sala de aula permite que os //

alunos experimentem a produção da escrita, e simultaneamente exponham suas dificuldades.

Assim, como na prática, o professor precisa ter coragem de se expor diante da classe, demonstrando seus sonhos, sua ideologia, sua compreensão da realidade, a produção do conhecimento e os seus sentimentos.

Freire também mencionava a importância do uso de dicionários de língua portuguesa para que a escrita fosse estética. com “certas sugestões de linguagens” que garantem a “boniteza” da linguagem, e que ser político, com o compromisso da transformação, não nos exime da responsabilidade de realizar a educação de maneira estética, bonita, alegre e prazerosa. A educação é possível com bom humor, alegria e amorosidade.

No final da década de 80, Paulo Freire foi Secretário da Educação, na cidade de São Paulo, cargo que ocupou por 2 anos e meio. Enquanto administrador, pôs em prática sua teoria, não se deixando enredar pelo cargo administrativo,

“(...) recusamos o autoritarismo tanto quanto a licenciosidade, a manipulação tanto quanto o espontaneísmo. E, porque não somos espontaneístas nem licenciosos, não nos omitimos. Pelo contrário, aceitamos que não temos por que fugir ao dever de intervir, de liderar, de suscitar agindo sempre com autoridade, mas sempre também com respeito à liberdade dos outros, à sua dignidade. Não há para nós forma mais adequada e efetiva de conduzir o nosso projeto de educação do que a democrática, do que o diálogo aberto, corajoso”. (Freire, 1989, p. 44)

→ Sempre participativo nos planejamentos, não deixando de ser o que teorizou, como: dialógico, crítico, recriador, reflexivo, humano.

Ao informar sua saída da Secretaria de Educação, tendo consciência que sua equipe tinha condições de dar continuidade ao projeto proposto, declara: “Manifesto à maneira de quem, saindo, fica”.

Afonso Celso Scocuglia, retoma o trabalho de Freire sobre a compreensão dos aspectos fundamentais da construção do pensamento político-pedagógico, no dimensionamento político de sua práxis educativa-pedagógica. Sendo ele um homem/cidadão consciente de seu papel como criatura em constante processo de construção, e que traçando seu caminho de prática-teoria, consegue detectar seus erros, ambigüidades e idealismos, sabendo lidar com a crítica e a autocrítica, tomando estas como construtivas.

"(...) um erro comum na análise do trabalho de Freire é exatamente ignorar-se a clara evolução das suas concepções. que começa por um idealismo moldado por sua vinculação ao pensamento católico moderno, chegando até seu crescimento em direção à abordagem dialética da realidade, que caracteriza seus últimos escritos. Se sua Educação como prática de liberdade é influenciada por concepções de Jaspers e Marcel no nível filosófico, a Pedagogia do oprimido já mostra uma clara aproximação da melhor tradição radical, de Marx e Engel aos modernos revolucionários (...) e de outras linhas de análise crítica contemporânea(...)" (Rossi apud Scocuglia, 1999, p. 30).

Com o decorrer do tempo, Freire começa a descobrir aspectos políticos na educação. Por conta desse amadurecimento, a partir da década de 70, percebe claramente que a educação e a política são questões inseparáveis em seus discursos.

"Uma das principais virtudes de Paulo Freire é submeter-se, em debates. Neste caminho, a autocrítica permanente faz parte de seu itinerário intelectual, implicando uma certa seqüência de seus escritos, o que permite rever e alterar categorias e relações. O tratamento dado a "conscientização" evidencia tal atenção as críticas sérias. Aliás, o expediente de criticar Paulo Freire já rendeu muitas teses, livros – além de projeções indevidas a seus autores.

Uma das capacidades de Paulo Freire é a sua constante progressão. Como homem do seu tempo, "cada vez mais incerto de suas certezas", advoga do processo de conhecimento crítico (consciente de sua incompletude), Freire não parou de "fazer história" e "ser feito por ela". O Freire de Educação como prática da liberdade (anos setenta) não é o mesmo do atual Política e educação (anos noventa)". (Scocuglia, 1999, p. 31)

Deste modo, acredito que a obra de Paulo Freire deve ser experimentada por muitas gerações futuras e que ainda há de se enquadrar em seus preceitos, pois em muito, nossa educação necessita se humanizar.

"Suas propostas foram feitas para serem recriadas, conforme o cotidiano, o imaginário, os interesses e valores, conforme as condições de vida de seus participantes – educandos e educadores". (Scocuglia, 1999. p. 33)

Com base em pesquisa, Scocuglia diz que para entendermos os caminhos percorridos por Paulo Freire, sua aplicação pode ser dividida em dois momentos: o histórico e o dialético. O primeiro momento, o histórico, tem como objetivo buscar a contextualização de sua prática e sua teoria em cada um dos vários momentos que venham compor sua trajetória nas últimas três décadas, onde ele exige que os estudiosos de suas obras apreendam suas propostas político-educativas, para que assim possam de maneira clara, dimensionar a construção do seu pensamento. O segundo momento, o dialético, tem como busca a compreensão das totalidades e das dimensões internas de seu discurso. Discurso este, que quando propõe o discurso do oprimido; objetiva denunciar a opressão e a educação bancária. Discurso insistente, pois defende a necessidade da ação dialógica na pedagogia do oprimido, não se deixando enredar nas teias do autoritarismo e da precariedade das escolas brasileiras, que ao excluir de maneira covarde, milhares de crianças, acabam por aumentar o número de analfabetos jovens e adultos, nessa sociedade corrupta onde o problema do analfabetismo é uma fábrica com fins políticos e lucrativos.

Tentando fazer a análise discursiva de conteúdo temático de Paulo Freire, // verificamos que à Educação como prática de liberdade (1984) e Pedagogia do //

oprimido (1984) tratam de preocupações e métodos para a alfabetização de adultos, discutindo a opressão que em grande escala envolve as massas populares tão esmagadas pelas elites.

Em Ação cultural para a liberdade e outros escritos (1984), discute a problemática das práticas políticas na educação de jovens e adultos.

Nos livros: Cartas à Guiné-Bissau (1980); A importância do ato de ler (1982); Quatro cartas (publicação com outros autores); A questão política na educação popular (1980); Vivendo e aprendendo (1980); onde Freire faz uma análise nas esferas das "superestrutura" observa-se sua proximidade teórica com Gramsci.

"Nos "escritos africanos" a influência de Antônio Gramsci, também influenciador do líder da guerrilha guineense Amílcar Cabral, pode ser notada com frequência. De Cabral, Freire usa o "suicídio de classe". Tal conceito indica a passagem dos intelectuais integrantes das classes médias (ou, segundo o autor, da "pequena burguesia") para o pólo dos subalternos, ao se identificarem com os interesses, necessidades e valores emancipatórios que efetuam essa passagem de transtugas de classes". (Scocuglia, 1999, p.35)

Em A educação e a cidade (1991), encontraremos reflexões de Freire sobre os desafios por ele enfrentados, enquanto foi Secretário da Educação, em São Paulo. Citando também Pedagogia da esperança (1993), onde o autor escreve sobre as incertezas e as decepções procedentes da crise de paradigmas nas ciências sociais e na educação.

Percebe-se que Paulo Freire está sempre preocupado em possibilitar a educação das massas populares, ativando a consciência crítica.

"(...) é preciso aumentar o grau de consciência (povo) dos problemas de seu tempo e de seu espaço. É preciso dar-lhe uma ideologia do desenvolvimento". (Freire, 1982, p. 28).

Sua prática político-pedagógica serviu para incrementar a luta dos grupos populares pela conquista da cidadania. Sua luta está relacionada a uma prática educativa voltada aos oprimidos e que em muito afligia ao elitismo. Paulo Freire mostra como esta luta foi construída passo a passo em sua obra.

"(...) em meus primeiros trabalhos não fiz quase nenhuma referência ao caráter político da educação. Mais ainda, não me referi, tampouco, ao problema das classes sociais, nem à luta de classes (...). Esta dívida refere-se ao fato de não ter dito essas coisas e reconhecer, também, que só não o fiz porque estava ideologizado, era ingênuo como um pequeno burguês intelectual". (Freire, 1979, p. 43).

Freire reconstrói suas idéias com autocríticas, ao se aproximar das idéias de Gramsci e Marx. Procurando auxílio no marxismo, estudando as obras A sagrada família, A ideologia alemã e Teses sobre Fenerbach, obras que analisam a "superestrutura".

Freire apóia-se na obra de Gramsci, buscando uma educação para a autonomia e a possibilidade dos subalternos construir a contra-hegemonia, ou seja, tinha como finalidade uma educação para formar cidadãos plenos.

Há também as influências das teses de Louis Althusser, em Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado (1970); Bourdieu e Passeron, em A reprodução (1975), que contribuíram para a compreensão da perniciosa relação educação e sociedade brasileira.

Em homenagem a Freire, cabe lembrar a influência das suas reflexões na Grã-Bretanha, por volta dos anos 70, com o livro Pedagogia do oprimido; sua concepção não foi uma revelação, mas um referencial para compreender uma educação que era dedicada a transformação da sociedade.

Em 1978, uma equipe de professores da Escola de Educação Continuada da Universidade de Nottingham, decide desenvolver um Mestrado em Educação para adultos, com base nas concepções de Freire, e este trabalho teve existência até 1996.

"(...) Depois de Paulo Freire não é mais possível pensar a educação como um universo preservado, como não foi mais possível pensar a sociedade sem a luta de classes após a dialética de Marx (...) Na verdade, o que me interessa discutir concretamente é a questão da mudança e o caráter de dependência da educação em relação à sociedade. (Gadotti, 1987, p. 11)

Mesmo que alguns autores considerem o analfabetismo como uma questão de escassez educacional, insuficiência ou inexistência de escolaridade, esta é uma dentre várias das possibilidades de definição do analfabetismo, ou seja, um fenômeno de exclusão social e de marginalização econômica, de compulsório afastamento político e de subtração do gozo dos benefícios sociais e dos direitos civis, de impedimento ao acesso as outras formas de expressão cultural.

Os caminhos percorridos pelo processo de alfabetização das populações jovens e adultas permitem contar a história latino-americana da pobreza, pois, a sociedade letrada é que cria o analfabeto como tipo social, estigmatizando-o e criando uma relação conflitual e contraditória entre o "eu" e o "outro" – o analfabeto e o alfabetizado. Uma problemática que existe devido as desigualdades sociais decorrentes de uma estrutura de distribuição de renda nacional e a manutenção do analfabetismo.

"Os programas educativos governamentais, ao estarem ideologicamente associados ao ideário liberal e caracterizaram-se por sua feição autoritária na medida em que são impositivamente externos à realidade social do universo marginado, não exercem a atração desejada sobre o continente latino-americano. A cultura popular é majoritariamente oral, decorrente de sua composição interétnica, indígena, negra e do povoador branco

analfabeto com exceção da administração colonial letrada e que deixou marcas profundas na sociedade agrária que aqui se montou". (Lewin, 1990, p. 30-31)

Nesse contexto, constatamos que o método freiriano⁷ viabiliza o pensar⁸ nacional, o regional e o internacional, a partir de uma referência local. Nós, latino-americanos, temos uma profunda experiência de regimes autoritários que tentam impor uma "identidade nacional" sem que seja levado⁹ em conta a mentalidade popular. Freire possibilitou a viabilização de um diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade, de forma profunda, pelo contato direto, ou seja, é necessária a existência de conhecimento para que se possa estabelecer um canal fecundo de comunicação entre o saber acadêmico e o saber popular.

O educador de jovens e adultos não pode ser nem ingênuo, nem espontaneísta; este deve ser um mediador consistente na estruturação de atividades que possibilitem ao alfabetizando adulto agir e pensar sobre a leitura, a escrita e o mundo. A utilização de sua intervenção deve produzir desafios, sugestões e não imposições. Pois, o aluno adulto não pode ser tratado como criança, já que ele deseja ver a aplicação imediata do que está aprendendo; em contrapartida, sente-se ameaçado, temeroso, necessitando de incentivo para elevar sua auto-estima.

Freire vislumbra que a filosofia que o educador de jovens e adultos precisa é a filosofia do diálogo-discussão das idéias, de opiniões e conceitos com vistas à solução de problemas. Seu método promove a equidade, ou seja, o entendimento entre os diferentes, com um modo de pensar o fenômeno educativo que una a complexidade com a simplicidade.

Como o tradicionalismo educacional persiste em limitar o pedagógico à sala de aula e a relação professor – aluno, Freire quebra essa conduta rígida quando levanta a questão do diálogo, do questionamento por parte dos alunos, abolindo, assim, a educação bancária.

Uma sociedade que preserva a pedagogia tradicional, não valorizando o diálogo, a criticidade, e que sempre defende o “sim senhor(a)”, “não senhor(a)”, quer esconder a luta de classes, as disparidades sócio-econômicas e, assim, continuar a semear a opressão, a aceitação de domínio das classes de baixa renda.

Freire levanta a questão do compromisso do profissional com a sociedade, que tem como primeira condição desse ato, a capacidade de atuação e reflexão, para que se possa chegar a transformação de sua práxis, ou seja, um homem que propõe a si, experiências.

Outra questão que aborda é a educação como processo de mudança social. O homem é um ser inacabado e, por isso, capaz de transformar, de mudar.

“O homem deve ser o sujeito de sua própria educação, não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém.” (Freire, 1979, p. 28)

O homem que hoje é ignorante, o é por desconhecer, mas, não o é permanentemente. Para chegar ao conhecimento, primeiro é necessário não conhecer.

“O saber se faz de uma superação constante(...) É preciso saber reconhecer quando os educandos sabem mais e fazer com que eles também saibam com humildade(...) Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar (...) Não há educação sem medo (...) Uma educação sem esperança não é educação. Quem não tem esperança dos camponeses deverá procurar trabalho noutro lugar”. (Freire, 1979, p. 29-30)

Sendo o homem um ser de relações, é preciso então que deixe a máscara cair, para abraçar àqueles que seus braços consiga alcançar, para assim poder retribuir sentimentos que nos são inerentes e nos impulsionam a seguir adiante. Se deixarmos de lados esses sentimentos, estagnamos e não nos damos conta que o tempo está passando, e com esta atitude deixamos de construir, de somar. Quando estagnamos, estamos subtraindo; deixamos de ser ignorantes e impetuosos para nos tornarmos intolerantes e prepotentes.

"Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a água, a vida." (Freire, 1997).

É possível verificar que, em muito, Paulo Freire contribuiu para ^a melhoria do || campo educacional de nosso país. Em sua constante luta, enriqueceu nossa educação com suas idéias transformadoras. Não se dando por satisfeito, estudou, mais e mais, adquiriu novas idéias, aprofundou seus estudos e inovou. Pôs em prática seus sonhos, na tentativa de levar àqueles que esquecidos pela nossa sociedade, não mais se permitiam sonhar como nos tempo de criança, pois cresceram. E crescidos; desistiram, pois acostumaram-se a não mais crer.

Freire teve como objetivo a educação que busca dar voz a indignação do oprimido, do indígena, da mulher, do camponês, do negro, do analfabeto, do trabalhador industrial. Sua proposta rompe com uma educação que por muito tempo foi sustentada pela cultura da indiferença, nascida com a marca da violência e do descompromisso com a população marginalizada.

Por isso, precisamos compreender profundamente o contexto sócio-cultural daqueles que pretendemos educar, e, no capítulo a seguir faremos uma breve reflexão sobre o papel do educador nesse processo de alfabetização de adultos.

que mesmo enquanto analfabetos ou favelados, são pessoas capazes de mudar suas condições de forma positiva se lhes for dadas alternativas.

Muitos indivíduos aceitam de modo inexorável a sua condição de analfabeto, assim como sua incapacidade de mudar essa vergonhosa situação que, de maneira alguma, foi criada por ele. Em alguns casos, esse problema educacional é apontado como vontade ou escolha de algo acima da vontade do homem, ou seja, do "Divino". Sendo esta também, uma das causas atribuídas para camuflar tal realidade criada pelos órgãos que devem ser responsáveis pela superação do analfabetismo.

O professor tem o papel de auxiliar, devendo provocar indagações, encorajar a procura, propor questões, dirigir discussões; não tem um papel impositivo. Então, os atributos que devem ser considerados pelo alfabetizador seriam: conscientização, iniciativa, organização, sensibilidade e comprometimento.

“Aprendi a ler e a escrever com meu pai e minha mãe sob as mangueiras do quintal da minha casa. E eu costumava escrever na terra com um pedacinho de pau. É muito interessante. Eu sabia que as palavras com as quais comecei meu aprendizado eram palavras de meu horizonte, da minha experiência e não as palavras da experiência de meus pais. Eles começaram a fazer isso comigo. É fantástico porque, muitos anos mais tarde, quando eu comecei a trabalhar nessa área como educador, repeti aquilo que meus pais tinham feito comigo. Durante o processo, eu lembrava que tinha sido assim que eu aprendi a ler e escrever.

Mas apesar disso, eu não tive a mesma riqueza de experiências que o Myles teve. Não lia tanto quanto ele, por exemplo. Nasci uns oito anos antes do grande crash – nasci em 1921 – e minha família, de classe média, sofreu muito em consequência disso. Eu tive a possibilidade de sentir fome. E digo que tive a possibilidade porque acho que essa experiência me foi muito útil. Claro, minha infância não foi tão dramática assim. Pelo menos eu podia comer. Milhões de crianças brasileiras hoje não comem, mas pelo menos eu podia comer, algo que fez com que eu pudesse sobreviver. Entrei para a escola secundária bem mais velho do que o estudante médio. Eu tinha 16 anos no primeiro ano da escola secundária, e isso era muito para estudantes normais. Lembro que tinha dificuldade para entender. Às vezes, eu me considerava burro porque tinha tanta dificuldade de entender as lições normais e burocráticas de minha escola. Sofria muito achando que era muito burro. Isto é, eu sabia que as coisas deviam ser melhores, mas eu achava que era burro, e ao pensar que era burro sofria. Na verdade, tinha dificuldade de entender por várias razões, não exclusivamente porque estava com fome, mas

principalmente devido ao próprio processo de escolarização, as próprias deficiências de algumas das escolas em que eu estava. Desde aquela época, eu acreditava que era possível aprender, embora eu não estivesse totalmente convencido da minha capacidade de aprender. Eu ria também, mas não gostava da maneira como ensinavam. Mais tarde, na escola secundária, tive boas experiências com alguns professores que me desafiavam mais que os outros. Pouco a pouco cheguei a esse tipo de descoberta." (Freire, 2003, p.52-53).

O professor ciente de seu papel, tem consciência que a escola em sua diversidade de classes, culturas e etnias, é um agente transformador, que ainda reflete os valores conservadores, podendo também ser um instrumento de dominação e exclusão ou transformação. Esse professor também observa que para os alunos de escolas privadas, o futuro é diferente, mais promissor do que os alunos das escolas públicas.

Essa dicotomia acaba por estabelecer padrões diferenciados para esses grupos, os quais acabam por construir imagens estereotipadas uns dos outros, aumentando seu distanciamento, já que cada qual procura defender-se da ameaça representada por aqueles que não se afiguram semelhantes.

O cidadão alfabetizado tem a possibilidade de ser um indivíduo intelectualmente autônomo para decidir, escolher dentre as opções dispostas, a que se encaixa em sua condição como sujeito histórico, pensante e capaz de criar ou não, alternativas que ainda não foram produzidas pela sociedade.

A escola pode ser um agente transformador, mas que ainda expressa valores conservadores, tornando-se um instrumento de dominação. Então cabe ao professor, o papel de mostrar esse conservadorismo e possibilitar aos seus alunos, principalmente, os adultos e jovens aqui apresentados, a consciência política e autônoma.

4. Conclusão

É verdade que, atualmente, vivemos num mundo desesperançoso, caótico, e falar em melhoria para obtenção da educação com qualidade para todos e garantir a erradicação dessa angustiante exclusão social em que estamos inseridos nos soa como utopia, sonho, e porque não, loucura!

Mas, as grandes invenções, assim como os nomes célebres da nossa história, foram chamados de sonhadores, de loucos. E em muito, contribuíram para a evolução do mundo e para mudanças que revolucionaram a existência das sociedades.

Foram adiante em suas "loucuras", pois acreditaram que seus sonhos tinham fundamento, e com fé e perseverança podiam torná-los realidade.

Agora, para o crescimento como ser humano, esta é uma tarefa que compete a cada homem realizar de maneira individual, e a coletividade em contribuir para este caminho.

Freire amplia essa questão quando fala de sua preocupação em relação às massas; como ser social, não permitiu ser levado por questões individualistas de um pequeno grupo, que detentor de um grande poder, faz valer sua vontade egoísta e antidemocrática, prolongando a opressão dos demais homens, incapacitando-os de se tornarem cidadãos participativos, críticos e transformadores.

Enquanto essa sociedade não enxergar os que constituem as massas como semelhante,^b será difícil acabar com essa humilhante situação de classe dominada || e que a ela só resta viver à margem.

Aos educadores,^x compete^m, não realizar milagres, pois estamos falando de || homens e mulheres de sentimentos, que acertam e erram, mas optaram pelo || compromisso de se transformarem e como profissionais que sempre estarão em processo de mudança, conscientes da importância que é o disseminar do conhecimento, pois como disse Freire, somos seres em constante processo de inacabamento.

Ou seja, os fracassos de hoje, com certeza, serão as conquistas de um || outro dia. Depende de cada um fazer sua história e não esquecendo de que a convivência coletiva, em muito, nos impulsiona na concretização dos ideais e possíveis sonhos.

Acredito que a solução ainda somente seja possível a longo prazo, mas ter consigo o sentimento da possibilidade de conquistá-la é o que nos impulsiona a seguir em frente nesse caminho tão longo e tortuoso. Afinal de contas, estamos discutindo um problema social de larga escala e que tem por trás de si, questões políticas e financeiras que atendem a um pequeno grupo que se perpetua no poder ao longo dos séculos. Grupo esse que sempre esteve em constante luta para deter o poder, e não tem a intenção de abrir as portas para que as massas sequiosas de seus direitos, revertam essa situação de conflito e exclusão social.

Por isso, acredito que neste momento de opressão e desmazelamento que vivemos, nos cabe tentar achar estratégias que venham reverter essa posição em que nos encontramos à margem da sociedade e busca-se em Paulo Freire, uma

chama que faça reacender a esperança de um amanhã positivo, glorioso e menos desencantador.

Por isso, devemos acreditar que mesmo sendo pessoas com sentimentos bons e ruins, ainda somos capazes de acharmos respostas na afetividade, no amor, na espiritualidade, na fé e na coletividade. Estes são valores que quando somados não se deixam corromper pelo poder.

Precisamos vislumbrar a possibilidade de nos desprendermos dessa situação de oprimidos. Criando metas que, por mais difíceis que sejam, só se tornam impossíveis de alcançar se baixarmos a cabeça e permitirmos que a esperança se extinga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BELL, Brenda. GAVENTA, John. PETERS, Hohn (orgs). Anos de Formação. In_____. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre a educação e mudança social.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BOCK, Ana Maria Bahia. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias - Uma introdução ao estudo da psicologia.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não. Cartas a quem ousa ensinar.** 14. Ed. Olho d'Água. São Paulo, 2003.

GADOTTI, Moacir. A educação como ato político a "pedagogia do oprimido". In:_____. **Pensamento pedagógico brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

LAGOEIRO, Carlos. **Paulo Freire. O andarilho da utopia**. Disponível em: <http://www.paulofreire.com.br>. Acesso em: 22/05/2004

LEWIN, Helena. O adulto analfabeto na América Latina. In:_____. **Alfabetização de adultos na América Latina**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

PAIVA, Vanilda Paiva. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.

STRECK, Danilo R. (org). **Ética, utopia e educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três preocupações com os trabalhos acadêmicos**. Belém: ABNT, 2002.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

ALUNO(A) : Mônica Cândido Souza

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Paulo Freire e sua contribuição para a educação de jovens e adultos.

ORIENTADOR : Angela Martins

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador : **Professor convidado**

Professor: Luigia Elvira Coelho

Nota : 10,0 (dez)

Considerações Finais:

O estudo apresenta tema e objeto bastante discutidos na área. No entanto, sua autora trabalha-os de forma reflexiva e crítica, demonstrando bastante leitura e argumentação sobre a leitura realizada. As citações são significativas, e os comentários aprofundam a argumentação da pesquisadora. É importante frisar como ocorreu a seleção do tema, alicerçada em história da vida da aluna. Parabéns, Mônica, pela persistência, tenacidade e crença na educação, não como uma "panacéia" que salvará o país, mas como uma prática social de intervenção que não se curva ao imobilismo.

Angela Martins

Segundo avaliador :

Professor orientador

Professor : Angela Santana

Nota: 9,0 (muito)

Considerações Finais:

Inicialmente, houve o enorme espaço para a construção desta monografia. Mônica teve a competência e paciência de revisar várias vezes o seu texto. O trabalho realizado por ela demonstrou boas técnicas metodológicas da monografia. Por isso, pelo seu enorme e despendido esforço, atribuiu a mesma nota 9,0 (muito).

Out.

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês Março/2004

Dia	30			
Atividade	Debate sobre a montagem do tema.			
Professor	Angela Maria OUVA			
Aluno	Mônica			

Mês Abril/2004

Dia	15	24		
Atividade	Entrega da Introdução e títulos a serem trabalhados	Trabalho revisão do PI os devidos acertos		
Professor	Angela Maria OUVA	Angela Maria OUVA		
Aluno	Mônica	Mônica		

Mês maio/2004

Dia	13	27		
Atividade	Realizado os acertos e entrega de 2 capítulos.	Revisado para certo		
Professor	Angela Maria OUVA	Angela Maria OUVA		
Aluno	Mônica	Mônica		

Mês Junho/2004

Dia	17	24		
Atividade	Entrega do início do 3º capítulo mais revisão	Reunião PI para os capítulos re-visitados e entrega	3ª de restante do 3º capítulo	
Professor	Angela Maria OUVA	Angela Maria OUVA	Angela Maria OUVA	
Aluno	Mônica	Mônica		

Mês Julho/Agosto

Dia	06/07	22/07	05/08	11/08
Atividade	Reestruturação dos capítulos e acertos pendentes.	Solicitação de providências e revisão do trabalho	Entrega de todos os capítulos PI revisão final	Revisão finalizada para entrega da Monografia
Professor	Angela Maria OUVA	Angela Maria OUVA	Angela Maria OUVA	Angela Maria OUVA
Aluno	Mônica	Mônica	Mônica	Mônica